



EDITORIAL



EDITORIAL

*hoje não viemos discutir projetos / hoje não viemos pedir /
hoje viemos como alguém que visita sua casa / que vem dizer
para a família / sobre as dificuldades de se tecer a invenção
/ sobre o abismo que se abre para além do entretenimento /
sobre o prazer que é lutar pelo que se acredita.*

Os versos de “Sobre o silêncio”, de Chacal, iluminam este que é o último editorial do longo e difícil ano da graça de 2018, texto derradeiro também do exercício de três dos editores executivos de *História da Historiografia* – Alejandro Eujanian, Arthur Lima de Ávila e Fábio Franzini. Assim, além de apresentarmos o conteúdo desta edição, julgamos oportuno fazer aqui um breve balanço dos últimos dois anos de trabalho na revista e apontar as perspectivas já delineadas e os desafios que despontam em nosso horizonte.

De imediato, é tão óbvio quanto inevitável notar que desde 2016 o Brasil vive um momento político e social muito peculiar, com não poucos toques surreais. Entre o golpe perpetrado (“com o Supremo, com tudo”) contra a presidenta Dilma Rousseff e o processo eleitoral recém-encerrado, parte significativa do país parece ter mergulhado, feliz, nas águas profundas do obscurantismo, segura de si graças ao oxigênio apelativo de pautas morais as mais conservadoras, retrógradas e, por isso mesmo, assustadoras. Como não deixamos de observar em editoriais anteriores, tal movimento nos toca diretamente: como cidadãos, por promover um ataque a direitos individuais e sociais arduamente conquistados no decorrer de décadas, alguns ainda sequer bem firmados; como intelectuais, por incentivar uma ojeriza ao pensamento crítico e, sobretudo, àqueles que o praticam; como acadêmicos, por enxergar na instituição que nos é mais cara, a Universidade, um lugar não de produção de conhecimento, mas de “ideologias” contrárias aos “valores” supostamente neutros que devem guiar a “boa” sociedade; por fim, como historiadores e Professores de História, por fundamentar ações que cerceiam tanto o nosso trabalho quanto o próprio saber que dele resulta, como se vê seja no famigerado Escola Sem Partido, seja nas várias declarações recentes de generais ligados ao presidente eleito sobre o golpe de 1964 e a ditadura civil-militar instituída a partir dele.

Desnecessário dizer o quanto um contexto assim penoso perturba os tempos e modos de se fazer uma revista acadêmica, ainda mais uma revista de História. É outra dimensão sua, contudo, que mais tem afetado *História da Historiografia*: o contingenciamento orçamentário imposto às Universidades, os cortes de verba para publicações e editais de apoio cada vez mais restritivos, outras marcas infelizes destes dois últimos anos, não apenas não combinam com as necessidades e exigências de uma publicação científica de alto nível, antes a estrangulam no ponto mais sensível de sua produção, o financiamento de seus custos. Daí termos recorrido, leitores e leitoras se lembram, a uma campanha de arrecadação de fundos via *Facebook*, “vaquinha” que se mostrou crucial para ajustarmos nossas contas e ganhar fôlego para seguirmos adiante. É importante que se diga, a propósito, que, por um lado, o sucesso da campanha nos enche de orgulho, pois demonstra o reconhecimento e o respeito que alcançamos entre a comunidade historiadora, para além dos contornos da área de teoria e história da historiografia; por outro, porém, não deixa de ser constrangedor e lamentável que um periódico de excelência – seja este, seja qualquer outro – se veja obrigado a apelar a seu público para, no limite, sobreviver. Isto, a nosso ver, diz muito sobre o que significa fazer ciência em nosso país.

Trata-se de uma dura realidade, enfim. Mas, seguimos, inclusive porque não são apenas fatores externos que condicionam a vida de uma revista científica, felizmente. Ao contrário, sua dinâmica interna muitas vezes, senão sempre, se impõe, à medida que, como bem definiu Jacqueline Pluet-Despatin, esse tipo de publicação é uma obra em movimento, um canteiro aberto, um lugar de experimentação. No nosso caso, boa parte do movimento e das experimentações realizadas desde 2016 são visíveis a leitoras e leitores: em termos estruturais, mantivemos a experiência bem-sucedida, iniciada em 2014 com Fabio Wasserman, de contar com um editor executivo de fora do Brasil; incorporamos mais dois editores executivos; instituímos a figura dos editores

colaboradores; mudamos a apresentação gráfica; passamos a publicar mais artigos originais em inglês, mesmo quando produzido por colegas brasileiros; e acabamos de lançar um portal inovador, *HHMagazine* (hhmagazine.com.br), para abrigar, difundir e fomentar, em diferentes linguagens, uma produção historiográfica que não cabe no formato da revista. Em termos de conteúdo, publicamos vários autores e autoras estrangeiros, de diferentes origens e perspectivas historiográficas; criamos a seção “Em pauta”, dedicada ao debate de questões que nos envolvem hoje e da qual veio a nascer a ideia do novo portal acima mencionado; fizemos uma chamada pública, internacional, de propostas de dossiês para o próximo biênio, cuja resposta foi muito satisfatória e nos permitiu organizar com tranquilidade e antecedência o planejamento dessa que é uma de nossas seções mais ricas.

Há, também, aquilo que faz parte dos bastidores, o lado invisível, mas não menos decisivo, da nossa produção. Aqui, trabalho essencial foi a regularização do fluxo de submissões, uma vez que o reconhecimento e a posição alcançados pela revista – somados, claro, às pressões cada vez maiores pelo *publicar* – fizeram com que o número de textos que recebemos aumentasse muito nos últimos anos. Se isso não deixa de ter um aspecto positivo, também é forçoso dizer que parte significativa dessas contribuições pouco tinha a ver com o escopo e a missão de *História da Historiografia*, o que nos obrigou, como editores, a uma atuação mais direta e rigorosa no momento inicial da avaliação para, assim, levarmos adiante apenas aqueles originais que pudessem efetivamente corresponder às expectativas da área. Em outra frente, mantivemo-nos atentos às discussões sobre políticas e práticas de edição científica, em particular no que se refere aos rumos do Qualis Periódicos e à imposição crescente do “padrão SciELO” entre a comunidade científica brasileira, de interesse e impacto direto sobre o que fazemos. Momentos expressivos dessa atenção foram a participação no I Encontro de Periódicos Científicos de História, realizado pela ANPUH-Brasil em abril deste ano (e do qual nasceu o

Fórum de Editores de Periódicos Científicos de História), e a implementação de um grupo de trabalho dedicado a revistas e publicações no último Seminário Brasileiro de Teoria e História da Historiografia, realizado em Mariana.

E assim chegamos a mais uma edição de *História da Historiografia*. Longe de pretender promover sua autocelebração ou, pior, a de seus editores, todos esses longos parágrafos esperam apenas reiterar o papel e a responsabilidade que a revista busca assumir, representar e expressar na e para a área de teoria e história da historiografia no Brasil. Há muito por fazer, sempre há (e o artigo de Flávia Varela que ora publicamos indica muito bem o quanto), mas, em grossas linhas, vemos dois grandes desafios adiante: um, geral, é o de produzir conhecimento em tempos sombrios e de escassos recursos materiais, como foi dito no início; outro, específico, é o de, mais que “publicar”, *pautar o nosso campo* a partir do que publicamos. Com relação ao primeiro, não há o que fazer senão resistir à precariedade financeira com todas as forças e lançando mão de todas as possibilidades, bem como reafirmar a cada número o compromisso com o rigor crítico e as interpretações plurais das relações entre presente, passado e futuro, entre tempos e espaços, entre teoria e prática – a começar da prática historiadora. No que se refere ao segundo, isso implica não ir meramente a reboque nem de consensos historiográficos, nem dos critérios externos de avaliação e da tendência à padronização das publicações científicas; sem menosprezar a importância de uns e outros, pensamos ser, antes, essencial à revista mostrar-se e manter-se sensível e aberta a aspectos que, pela forma e/ou pelo conteúdo, nem sempre se “adequam” ao que está estabelecido, pois são eles que muitas vezes apontam caminhos outros para aquilo que fazemos.

Para encerrar, um agradecimento mais que necessário da parte dos editores que estão de saída. Desde a indicação de nossos nomes para o posto, recebemos total confiança e apoio inequívoco do grupo que passamos a representar, o

que muito nos honra e engrandece. Mas, nosso trabalho foi imensamente facilitado graças à atenção, ajuda e, sobretudo, companheirismo de Helena Miranda Mollo, primeiro, e Mateus Henrique de Faria Pereira e Valdei Lopes de Araujo, depois, com quem dividimos a editoria executiva nesse período; junto a eles, e pelas mesmas razões, Rodrigo Machado e Augusto Martins Ramires, na secretaria, foram fundamentais para que não fizéssemos nada (muito) errado. Somos muito gratos a estes cinco amigos pelo sucesso da experiência, sucesso esse que, estamos certos, será ainda maior com os colegas que nos sucederão, a quem desejamos também a melhor das fortunas. E, como começamos com poesia, terminemos com poesia: para retomar os versos de Chacal,

*hoje viemos dizer pra família / que não vamos mais
terminar os estudos / e que nossa carne curtida, nosso olho
vermelho, / nosso sorriso encarnado e, principalmente,
nosso silêncio / dizem tudo.*

today we did not come to discuss projects / today we did not come to ask / today we came as someone who visits your house / who comes to say to the family / about the difficulties of weaving the invention / about the abyss that opens beyond entertainment / about pleasure which is to fight for what is believed.

Chacal's verses "On Silence" illuminate this last editorial of the long and difficult year of grace of 2018, also the final text of three of the executive editors of History of Historiography - Alejandro Eujanian, Arthur Lima de Ávila and Fábio Franzini. Thus, in addition to presenting the content of this issue, we think it is opportune here to make a brief review of the last two years of work in the magazine and to point out the already outlined perspectives and challenges that emerge in our horizon.

First of all, it is as obvious as it is inevitable to note that since 2016 Brazil has experienced a very peculiar political and social moment, with not a few surreal touches. Between the coup perpetrated ("with the Supreme Court, with everything") against the president Dilma Rousseff and the electoral process recently closed, a great part of the population seems to have plunged happily into the deep waters of obscurantism. This majority is confidently propelled by a moral and conservative crusade, which promote fear and anxiety.

As we have mentioned in previous editorials, such a movement touches us directly: as citizens, for promoting an attack on individual and social rights hard won over decades, some still unsigned; as intellectuals, for devaluate critical thinking and, above all, for those who practice it; as academics, to see in our most important institution, the University, a place not of knowledge production, but of "ideologies" contrary to the supposedly neutral "values" that should guide "good" society; as historians and History Teachers, for promote actions that threatens both our work and the knowledge that results from it, as seen in the infamous Escola sem Partido (School Without Party) movement, or in the various recent statements of generals attached to the president-elect on the coup of 1964 and the civil-military dictatorship instituted from it.

Needless to say, how much a painful context like this disturbs the making of an academic journal, even more one dedicated to historical studies. The budgetary constraint imposed on universities, the increasingly restrictive budget cuts for publications and investigative funds, other unhappy aspects of the last two years, not only do not combine with the needs and demands of a high-level scientific publication, but also strangling it at the most sensitive point of its production, financing its costs. Therefore we addressed readers in a crowd founding campaign that was crucial to adjust our finances and gain strength to move forward. It is important to state, on the one hand, that the success of the campaign fills us with pride, as it demonstrates the recognition and respect we achieve among the historian community, beyond the contours of the area of history and history of historiography; on the other hand, it is nevertheless embarrassing and regrettable that a periodical of excellence - be it this or any other - was forced to appeal to its public in order to survive. This, in our view, says a lot about what it means to do science in our country nowadays.

This is a hard reality, anyway. But, we moved ahead, even because it is not only external factors that condition the life of a scientific journal, fortunately. On the contrary, its internal dynamics often, if not always, impose itself, as Jacqueline Pluet-Despatin has defined it, this type of publication is a work in movement, an open space, a place of experimentation. In our case, much of the movement and experimentation since 2016 is visible to readers, In structural terms, we have had the successful experience, begun in 2014 with Fabio Wasserman, of having an executive editor from outside Brazil; we have added two more executive editors; we set up the figure of the collaborating editors; we changed the graphical design; we started publishing more original articles in English, even when produced by non-English native speakers colleagues; and we have just launched an innovative portal, HHMagazine (hhmagazine.com.br), to shelter, diffuse and foster, in different languages, a historiographic production that does not fit the format of a scientific journal. In terms of content, we

publish authors from different origins and historiographical perspectives; we created the section “Em Pauta”, dedicated to the debate of issues that surround us today and from which came the idea of the new portal mentioned above; we have made a public international call for dossiers proposals for the next biennium, the response of which was very satisfactory and allowed us to organize the planning of this important section.

There is also the backstage, the invisible but not less decisive side of our production. Here, essential work was the regularization of the flow of submissions. Following the recognition and position reached by the HH increased the pressures of publishing. The number of texts we have received increase greatly in recent years. Besides the positive aspect, it is also necessary to say that a significant part of these contributions had little to do with the scope and mission of HH, which forced us, as editors, to act more directly and rigorously in the initial moment of the evaluation so that we could carry forward only those papers that could effectively meet the area expectations. On another front, we kept a close eye on the discussions on policies and practices of scientific publishing, in particular regarding the directions of Qualis Periódicos (Brazilian Agency for Periodical Evaluation) and the increasing norms of SciELO. Significant moments of this attention were the participation in the First Meeting of Scientific Periodicals of History, carried out by ANPUH-Brazil in April (and from which was born the Forum of Editors of Scientific Periodicals of History), and the implementation of a dedicated working group to magazines and publications in the last Brazilian Seminar on Theory and History of Historiography, held in Mariana (UFOP).

And so we come to this new issue of History of Historiography. Far from attempting to promote its self-celebration or, worse, that of its editors, all these long paragraphs merely hope to reiterate the role and responsibility that the journal seeks to assume, represent and express in and to the area of Theory and History of Historiography. There is much to be done, there

is always (and Flavia Varella's article that we have published here indicates very well how much), but in broad lines we see two great challenges ahead: one, more general, is to produce knowledge in dark times and scarce material resources, as was said at the outset; another, specific, is that of more than "publishing", to guide our field from what we publish. With respect to the former, there is nothing to be done but to resist financial precariousness with all our talents and to assert all possibilities, as well as to reaffirm the commitment to academic rigor and to the plural interpretations of the relations between present, past and future, between times and spaces, between theory and practice - starting from the historian practice. As far as the second is concerned, this implies not merely to follow historiographic consensus or external evaluation criteria and tendencies towards standardization of scientific publications. We think that it is essential for HH stands to its values remaining sensitive and open to aspects that, by form and/or content, do not always fit with what is established, for it is they who often point out innovative ways to do what we must do.

To conclude, it is more than necessary some acknowledgment from publishers who are leaving. Since the nomination of our names to the post, we have received total trust and unequivocal support from the group that we come to represent, which greatly honors us. But our work was greatly facilitated thanks to the attention, help and, above all, companionship from Helena Miranda Mollo, first, and Mateus Henrique de Faria Pereira and Valdei Lopes de Araujo, later, with whom we divided the executive editorial board in that period. For the same reasons, Rodrigo Machado and Augusto Martins Ramires, in the secretariat, were fundamental for us to do nothing (very) wrong. We are very grateful to these five friends for the success of this experience, a success that we are certain will be even greater with the colleagues who will succeed us, to whom we also wish the best of fortunes. And, as we began with poetry, let's end with poetry: to retake Chacal's verses:

today we come to say to the family / that we will not finish
our studies / and that our tanned flesh, our red eyes, / our
incarnate smile and, our silence / say it all.